

Dívida latina diminuiu

Brasília, sábado, 9 de setembro de 1989 9

US\$ 15 bi em 88

Washington — A dívida externa na América Latina teve um declínio de 15 bilhões de dólares em 1988, enquanto as exportações da região aumentaram, mas a produção **per capita** diminuiu e continua a cair em 1989, informa o Banco Internacional de Desenvolvimento em relatório a ser divulgado amanhã. A dívida externa latino-americana, que em 1987 alcançava 441 bilhões de dólares baixou em 1988 para 426 bilhões de dólares, assinala o banco em seu relatório anual, intitulado "Progresso Econômico e Social na América Latina-1988".

Desde 1960 não se registrava redução da dívida externa da América Latina, observou um economista. O declínio resultou, principalmente, de grandes reduções nas dívidas do Brasil, México e Chile, em parte através de conversões da dívida em títulos — e da Venezuela, como resultado dos pagamento maiores do serviço da dívida.

O presidente do BID, Enrique Iglesias, disse que não se espera

para este ano nova redução no total da dívida latino-americana, embora o México deva beneficiar-se do Plano Brady, que prevê cortes nos compromissos com os bancos comerciais. Sob o Plano Brady, o México chegou recentemente a um acordo com seus bancos credores para reduzir a dívida ou o serviço da dívida em 35 por cento. O México deve aos bancos mais de 50 bilhões de dólares de sua dívida total de 101,8 bilhões de dólares.

O BID advertiu que o aumento de 3 por cento nas taxas de juros internacionais, entre o primeiro trimestre de 1988 e o primeiro trimestre de 1989, significa um aumento anual nos pagamentos de juros pela América Latina de mais de um terço, onerando em 10 bilhões de dólares o serviço da dívida da região. Os pagamentos de juros da dívida latino-americana têm sido em média de 20 bilhões de dólares desde 1982, segundo estatísticas do BID.

Devido à carga do serviço da dívida, o produto Interno Bruto

combinado dos países da América Latina e do Caribe aumentou apenas em 0,6 por cento de 1988 para 1989, informou o banco. Iglesias declarou que o ano passado foi "ruim, com resultados econômicos medíocres e decepcionantes".

Levando-se em conta o crescimento populacional, a produção **per capita** latino-americana declinou 1,5 por cento. Segundo o relatório, as economias da região sofreram queda líquida no influxo de capitais novos e nas taxas de investimentos, diminuição das reservas, continuado desemprego e inflação galopante em alguns países. Os déficits fiscais continuam a ser um problema para a maioria dos governos da região.

Adverte o relatório que este "ano poderá ser igual ou pior, com taxa zero de crescimento regional e uma perda de 2,2 por cento no PIB, acompanhados de aumento da inflação, declínio nos investimentos e transferências para o exterior de 25 bilhões de dólares em pagamentos da dívida externa".